



CRIANÇAS E TELEJORNALISMO: COMO A INFÂNCIA ESTÁ REPRESENTADA NO JORNAL NACIONAL

Elizangela De Bona Laurindo
Claudia Nandi Formentin¹

RESUMO

Durante anos a infância passou despercebida. Apesar de atualmente ser vista como uma fase importante da vida, os canais de comunicação parecem estar pouco atentos à ela, especialmente nos programas jornalísticos. A relação entre a infância e a mídia é o tema deste trabalho que visa mostrar, por meio da análise do telejornal Jornal Nacional, a representação da infância na mídia. Para isso foram utilizados autores como Philippe Ariès (2006) e M. Bakhtin (2004) entre outros. O primeiro para que fosse possível tratar da história da infância. O segundo autor, M. Bakhtin contribuiu para a construção de um referencial bibliográfico que tratasse da linguagem e sua interação social. O período da infância a ser analisado é de 0 a 12 anos. Ficou definido como objeto de estudo o Jornal Nacional, transmitido pela Rede Globo. O período escolhido foi de 4 a 16 de abril de 2011. Foi possível perceber que a voz infantil pouco se apresenta no telejornal analisado.

PALAVRAS-CHAVE: Infância, mídia, Jornal Nacional

CHILDREN AND TV JOURNALISM: HOW THE CHILDHOOD ARE REPRESENTED IN THE JORNAL NACIONAL

ABSTRACT

During childhood years gone unnoticed. Although currently be seen as an important stage of life, communication channels seems to be insufficiently attentive to her, especially in news programs. The relationship between childhood and the media is the subject of this work is to show, through analysis of the newscast Jornal Nacional, the representation of childhood in the media. To this authors were used as Philippe Aries (2006) and M. Bakhtin (2004) among others. The first to make it possible to treat the history of childhood. The second author, M. Bakhtin contributed to the construction of a bibliographic references dealing with the language and their social interaction. The period of childhood to be analyzed is from 0 to 12 years. It was defined as an object of study, the Jornal Nacional, broadcast by Rede Globo. The period chosen was 4 to 16 April 2011. It was possible to see that the little child's voice appears on the news analysis.

KEY-WORDS: Childhood, media, Jornal Nacional.

¹ UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA. E-mail: claudia.formentin@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

Atualmente a mídia desempenha um papel fundamental na formação da opinião da sociedade. Para Oliveira (2004), devido a essa importância, os meios de comunicação deveriam ter responsabilidade sobre tudo o que divulgam. Porém, apesar de ter quem desempenhe o papel da mídia com ética, nem todos o fazem, principalmente em se tratando de crianças.

A televisão contém uma espécie de filtro, as pessoas veem o que os produtores querem que elas vejam. Para Bucci (2005, p. 44), “a TV é o buraco da agulha por onde passa a história da humanidade: passam as fotos, mas não passam as idéias (*sic.*), o pensamento”.

O espaço que a televisão ocupa demonstra que este veículo tornou-se parte integrante do cotidiano das pessoas, em especial das crianças. De acordo com Barbosa (2002, p. 106), “a televisão, com mais de meio século entre nós, divide com a escola, a família, as igrejas e outras instituições de lazer e entretenimento a tarefa de formar e socializar as novas gerações”. Para a autora, o tempo que a criança passa na frente da TV é maior do que o tempo destinado à escola, porém, para as crianças, a telinha tem legitimidade, é fonte de saber semelhante à da escola.

A televisão funciona como uma espécie de janela para o mundo, ao ampliar o repertório cultural das crianças e dos jovens e ao apresentar a eles os valores, as normas e os modelos de comportamento presentes no mundo dos mais velhos, compondo um cenário que revela sua importância no processo de socialização das crianças e dos jovens. (BARBOSA, 2002, p. 2)

Conforme Barbosa (2002), a necessidade que as crianças têm de conhecer a vida como ela é através da TV faz com que elas se fascinem por mensagens e imagens muitas vezes violentas. A televisão, coloca Pereira (2009), permite que a criança conheça mundos e espaços aos quais dificilmente teria acesso de outra maneira. Assim, afirma o autor (2009, p. 222) “a televisão assume um espaço-tempo relevante no cotidiano das crianças: conta-lhes histórias, faz apelo à sua fantasia e imaginação”.

Além de expor a criança a imagens violentas, geralmente quando elas são assunto na mídia são fortemente sub-representadas. Conforme Bucht e Von Feilitzen (2002, p. 71), “elas raramente são vistas, suas vozes raramente são ouvidas”. Exceto quando estão envolvidas em algum acontecimento sensacional ou especial, diz David (2002), as crianças parecem

invisíveis na mídia. Esta afirmação é reforçada por Bucht e Von Feilitzen (2002), que ainda colocam que quando acontece das crianças serem mostradas, isso se dá em momentos especiais, em que são representadas em contextos de violência e crime, seja como agressoras ou como vítimas, além dos casos de abuso físico ou sexual.

Para Carvalho (2006), a mídia preocupa-se em noticiar assuntos que causem impacto porque é o que dá retorno financeiro, e a violência é um desses assuntos economicamente atrativos. Ainda de acordo com o autor, quando se trata de crimes cometidos por crianças, a palavra “menor” é utilizada indevidamente. A expressão tem conotação de exclusão e marginalização, e não seria utilizada se a mídia estivesse abordando a boa imagem da criança. Nem sempre, coloca o autor (2006, p. 75) o jornalista que dá destaque aos acontecimentos sensacionais em que a criança está envolvida se preocupa em “levar em conta o contexto em que se encontra inserida a criança que participou da reportagem veiculada”.

Vistas estas questões, apresenta-se o objetivo geral deste trabalho como sendo o de verificar com que frequência as crianças são notícia e de que forma isso é feito. A pesquisa tem como problema a seguinte questão: qual a representação da infância no telejornal? De que modo e sob que olhares a infância inserida no telejornal é apresentada?

Para responder estes questionamentos será analisado o Jornal Nacional da Rede Globo. Acredita-se que uma análise do Jornal Nacional permitirá verificar de que forma a criança é mostrada na mídia, se essa abordagem é positiva ou negativa, e com que frequência isso acontece. A escolha do telejornal deve-se a sua abrangência dentro da sociedade brasileira.

2 A HISTÓRIA DA INFÂNCIA

Atualmente, entende-se “criança” por oposição ao adulto, “oposição estabelecida pela falta de idade ou de ‘maturidade’ e ‘de adequada integração social’”. (KRAMER, 1992, p. 15). Para Ferreira (2006), a infância, observando as características biológicas, é o período que vai do nascimento até a adolescência, seguindo caracteres anatômicos, psíquicos e fisiológicos. Ainda de acordo com a autora, a infância se divide em três estágios: “a primeira infância, de 0 a 3 anos; a segunda infância, de 3 a 7 anos; e terceira infância, de 7 anos até a

puberdade” (FERREIRA, 2006, p. 25). O termo infância tem suas origens no latim (*in-fans*) que significa sem linguagem. Para Castro (2011, p. 4) não ter linguagem dentro da tradição filosófica ocidental é o mesmo que “não ter pensamento, não ter conhecimento, não ter racionalidade”. Assim, a criança aparece, para o autor, “como um ser menor, alguém a ser adestrado, a ser moralizado, a ser educado”. (CASTRO, 2011 p. 4)

Conforme Ferreira (apud Lajolo, 2003) o silêncio que se infiltra na noção de infância continua presente quando a infância se torna matéria de estudo ou de legislação.

Assim, por não falar, a infância não se fala e não se falando, não ocupa a primeira pessoa nos discursos que dela se ocupam. E, por não ocupar essa primeira pessoa, isto é, não dizer eu, por jamais assumir o julgar de sujeito do discurso, e, conseqüentemente, por consentir sempre um ele/ela nos discursos alheios, a infância é sempre definida de fora. (FERREIRA, apud LAJOLO, 2003, p. 230).

Pode-se perceber que a infância na atualidade é percebida como uma fase da vida que merece atenção especial, mas nem sempre foi assim. De acordo com Stearns (2006), em 1960, o historiador francês Philippe Ariès, valendo-se de evidências, sustentou que os europeus tradicionais não tinham uma noção clara sobre infância e dessa forma, não a consideravam como um estágio separado de vida, marginalizando as crianças da atividade familiar.

Conforme Ariès (2006), as pinturas da época mostravam as crianças ou rondando a família ou vestidas como adultos. Como mostra a figura 1. Na figura 1, meninas estão vestidas com roupas que se parecem e muito com a de adultas. Tais sinalizações nas obras de arte corroboram com a afirmação de Ariès (2006, p.32) que coloca que:

(...) o traje da época comprovava o quanto a infância era tão pouco particularizada na vida real. Assim que a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno de seu corpo, ela era vestida como os outros homens e mulheres de sua condição. (ARIÈS, 2006, p.32)



Figura 1 – Las meninas, 1656. Diego Velázquez (GOMBRICH , 1999, p. 409)

Stearns (2006) explica que Ariès não pensava que os pais não tivessem afeição por seus filhos, mas que não dedicavam muito tempo ou atenção especial a eles. Para Ariès, a situação começou a mudar nos séculos XVII e XVIII, primeiramente entre as classes altas.

A infância se tornou mais fundamental, com o crescente reconhecimento das necessidades especiais de alimentação e orientação; aumentou o foco na escolaridade; taxas de natalidade começaram a cair a fim de permitir mais atenção individual às crianças; e uma distinção formal maior entre infância e seus vários estágios e a idade adulta marcou também essa transformação. (STEARNS, 2006, p. 74)

Muitas famílias ocidentais atavam seus bebês para que não se machucassem ao engatinhar, e os deixavam pendurados em ganchos na parede enquanto os pais estivessem fora trabalhando. Segundo Stearns (2006), a prática mostrava que os pais tinham alguma preocupação com os filhos, apesar de também mostrar que não tinham a intenção de dedicar muito tempo às crianças. Ainda conforme o autor, alguns estudiosos, analisando a Inglaterra do início da Idade Média, descobriram leis que estipulavam a necessidade de proteger as crianças, reconhecendo a infância como uma fase importante da vida.

No Ocidente do século XVIII a 1914 implantou-se o modelo moderno de infância. O modelo moderno, conforme Stearns (2006, p. 93), “criou separações maiores entre a

infância e estágio adulto do que na sociedade agrícola. As crianças não trabalhavam mais junto com os pais, quando o trabalho deixou a residência (com a industrialização), e uma vez que estavam na escola”. Kramer complementa dizendo que

se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade. (KRAMER, 1992, p. 19).

No final do século XVIII passou a ser dada uma nova atenção ao sistema educacional. Novas escolas para a formação da elite surgiram e os governos começaram a se interessar pela educação primária de massa. Em 1833, na França, uma lei estimulando a fundação de escolas foi sancionada.

Segundo Stearns (2006), junto com a educação também surgiram leis limitando o trabalho infantil, principalmente nas fábricas. A legislação se difundiu por volta de 1850 na sociedade ocidental, porém a fiscalização implantou-se de forma lenta.

Na literatura da classe média, as crianças eram retratadas como perfeitos inocentes, cheios de amor e merecedores, em retribuição, de todo o amor. Quadros e histórias disseminaram essa imagem. A maternidade ganhou um novo crédito como fonte fundamental de amor familiar, os filhos deveriam ser tratados com todo carinho, e mesmo os pais que trabalhassem fora de casa deveriam se aproximar e compartilhar da alegria. (STEARNS, 2006, p. 99).

Ainda segundo o autor, as sociedades industrializadas também inovaram quanto ao tratamento das crianças, os métodos tradicionais de disciplina foram reconsiderados, o interesse e preocupação nas crianças como consumidoras aumentou. “Imagens de crianças graciosas e adoráveis proliferaram – mostraram-se muito eficientes em propaganda para produtos importantes, ou para a promoção de filmes”. (STEARNS, 2006, p. 144).

Nos Estados Unidos, em 1920, o rosa e o azul passaram a identificar o gênero das crianças pequenas e se enfatizou diferentes atividades para realçar masculinidade ou a feminilidade. Preparar as crianças para trabalhos na vida adulta também era uma

preocupação. Nos Estados Unidos, pais usavam os manuais de criação do Dr. Spock² como referência.

A infância moderna sofreu uma quantidade significativa de alterações na maneira como era definida e vivida. Estilos de roupas, brinquedos, recreações e até mesmo a música foram compartilhados através das fronteiras. Para Stearns (2006, p. 147), “não foi por acaso que os parques temáticos de Disney conseguiram sucesso em três continentes, como símbolo da devoção familiar ao lazer e consumo orientado para a criança”.

As novas mídias, primeiro o rádio e depois a televisão e a internet, atingiram diretamente as crianças, bombardeando-as com imagens e propagandas. Muitos pais passaram a se preocupar com a interação comercial direta com seus filhos.

Conforme Souza e Salgado (2009), os produtores da cultura infantil estão tomando os lugares que antes eram dos pais e professores. Dirigem-se diretamente ao público infantil através dos meios de comunicação.

Ter e querer coisas tornou-se parte central da vida das crianças. Na verdade, muitos aspectos do consumismo desencadearam um mundo especial para as crianças, com músicas, roupas e outros itens próprios, em parte valorizados simplesmente porque os adultos desaprovavam. (STEARNS, 1996, p. 162).

Conforme Stearns (2006), a explosão completa do consumismo para as crianças aconteceu no final do século XX, com as novas tecnologias e oportunidades de mercado. Os jovens passaram a frequentar *fast food* e McDonald, e similares tornaram-se refúgios para os jovens coreanos, chineses e de outros países. Programas como *Vila Sésamo* promoveram novos padrões de comportamento para as crianças. A roupa dos jovens se padronizou com a presença do *blue jeans*. Personagens da Disney e as bonecas Barbie tornaram-se parte do kit de brinquedos das crianças globais.

A televisão alcançou os lugares mais remotos em 2000. “Vendo as novas imagens, muitas meninas ficaram descontentes com seus corpos e com os padrões

² Benjamin McLane Spock, médico pediatra americano. Escreveu *The Common Sense Book of Baby and Child Care*, 1946. O livro foi traduzido para cerca de 40 idiomas. Suas ideias sobre educação de filhos influenciaram pais e mães nas décadas seguintes.

tradicionais locais que eram mais roliços. Os índices de anorexia e bulimia subiram notavelmente”. (STEARNS, 2006, p. 193).

No final do século XX, os pais passaram a acreditar que era parte do seu papel fornecer objetos e divertimento as crianças, e muitos passaram a se sentir culpados por não conseguirem atingir essa expectativa.

Para Cordeiro e Coelho (2011), por muitos anos a família e a escola foram os principais espaços de socialização, considerados os agentes primários na troca de experiências. Atualmente, é a mídia, principalmente a televisão que ocupam esse lugar, constituindo um dos principais meios de acesso a informação e ao mundo. Esse contato, segundo os autores, independe de faixa etária ou classe social. Para os autores, os apelos comerciais da televisão invade a vida das crianças e dita valores e regras, mostrando a criança como atuar no mundo.

Ser criança é ter corpo que consome coisa de criança. Que coisas são estas? Primeiro, coisas que a mídia define como tendo sido feitas para o corpo da criança. Segundo, coisas que ela define como sendo próprias do corpo da criança. Respectivamente, por um lado, bolachas, danoninhos, sucos, roupas, aparatos para jogos, etc, por outro, gestos, comportamentos, posturas corporais, expressões, etc. Ser criança é algo definido pela mídia, na medida em que é um corpo-que-consome-corpo. (CORDEIRO e COELHO, apud GHIRALDELLI JR. 1996, p. 38)

Conforme Cordeiro e Coelho (2011), a infância deixa de ser uma fase natural da vida e passa ser um artefato construído, ditado pela mídia, e o que temos é um simulacro da infância. O mito da infância feliz diz Rocha (2011) parece desmoronar diante do consumo, do abuso sexual, da violência e do abandono vistos todos os dias. Diante disso a infância parece transformar-se “numa caricatura perversa do próprio mundo adulto”. (CALLIGARIS, apud ROCHA, 2011, p. 6)

De acordo com Zanoni (2005, p. 12) as crianças já não têm mais tempo para serem simplesmente crianças, “estão sempre com suas agendas lotadas de compromissos, aulas de balé, futebol, natação, inglês, computação, judo (*sic*), assim como a necessidade precoce da inserção no mundo adulto acaba transformando essas crianças em pequenos adultos”.

A infância moderna forma as crianças fora da sociedade, cala suas vozes e nega sua personalidade. Para muitas delas, das sociedades contemporâneas, o aspecto predominante da infância é o da impotência e falta de controle sobre aquilo que lhes acontece. [...] A infância socialmente

marginalizada restringe as atividades das crianças a lugares e modos específicos das crianças (BEHERA e PRAMANIK, 2001, p. 154).

Para Pinto e Sarmiento (1997, p. 17), “‘ser criança’ varia entre sociedades, culturas e comunidades, pode variar no interior da fratria de uma mesma família e varia de acordo com a estratificação social”. Ainda de acordo com os autores, a infância é construída por diferentes culturas e histórias individuais, constituindo assim, diferentes mundos da infância. Os veículos de comunicação possuem forte influência na maneira como essa infância acaba sendo disseminada. Há no jornalismo o que se costumam chamar de portões que definem as matérias que entram ou não nos programas. Portanto, a infância está sujeita a esses portões que são comandados por adultos. Nesse sentido, qualquer que seja a cultura a maneira como a criança será apresentada depende de como o adulto permitirá que isso aconteça. Necessariamente esse movimento se dá pela linguagem.

3 LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

Todas as ferramentas de comunicação possuem suas características próprias. Há, no entanto, um elemento comum a todas: o fato de estarem em um contexto social que faz com que as vozes da sociedade estejam presentes em todas as formas de comunicação através da língua com a qual chega aos ouvintes, telespectadores e leitores. É bom lembrar que para Bakhtin, assim como para Saussure (YAGUELLO, 2004, p. 14) a língua é um “fato social, cuja existência se funda nas necessidades de comunicação”. Diferente do linguísta suíço, no entanto, Bakhtin, segundo Yaguello (2004, p. 14) valoriza a fala, a enunciação e “afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais”. Todas estas vozes e os diálogos estabelecidos entre eles permitem, de alguma forma, o imaginário coletivo se forme.

Mas é preciso lembrar que para Bakhtin (2004) a linguagem é vista como um trabalho. Sua prática é de caráter institucional. Dessa forma, na linguagem, é possível perceber que o discurso terá refletido uma certa forma de ver o mundo. Esta, por sua vez, tem relação tanto aos autores como à sociedade. Assim, para pensar a linguagem é necessário considerar os discursos provenientes dela. Neste contexto, Bakhtin aponta que a unidade linguística privilegiada é a enunciação. Há no discurso uma relação ativa entre uma

enunciação e outra. Vale então considerar a enunciação ativa de “outrem”. É por meio de mecanismos de um discurso interior que, como Bakhtin comenta, a apreensão apreciativa da enunciação de “outrem” se dá. Quem apreende a enunciação de “outrem” não é “privado da palavra”, mas está carregado de palavras interiores. O discurso de “outrem” é necessariamente mediado pelo discurso interior. Para Bakhtin, é no discurso interior que acontece a apreensão, a compreensão e a apreciação da enunciação de “outrem”.

Para Maingueneau (2002, p. 56), a enunciação é “a marca verbal do acontecimento que é a enunciação”. É a partir da enunciação que pode-se estabelecer a relação entre a língua e o mundo: ela, a enunciação, permite representar os fatos no enunciado, constituindo ela própria um fato, um acontecimento único definido no tempo e no espaço. Dessa forma, o enunciado designa o produto do ato de enunciação. É possível definir enunciado, conforme Maingueneau (2002, p. 56) “como uma unidade elementar da comunicação verbal, uma seqüência dotada de sentido e sintaticamente completa”. Pode ser uma palavra ou uma frase.

Nesse sentido, Bakhtin (2004) afirma que uma mesma palavra possui duas faces que são determinadas no fato de que advém de uma pessoa e que se destina a alguém. É um produto da interação entre o emissor e o receptor. Diz o autor:

Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é um território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 2004, p. 113).

Quando trata das palavras Bakhtin coloca que, essencialmente, esta é vista signo ideológico e é estudada como processo e não apenas como produto, como instrumento ou como mercadoria. Para o autor (2004, p. 64) “a palavra deve ter nascido e se desenvolvido no curso do processo de socialização dos indivíduos, para ser, em seguida, integrada ao organismo individual e tornar-se fala interior”. É na palavra, ainda segundo Bakhtin, que está, “a arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória” (BAKHTIN, 2004, p.66). Cada enunciado apresenta em sua constituição uma série de vozes, de lugares, ou várias fontes (polifonia), o que significa que um texto sempre está vinculado a outros, que por sua vez são provenientes de textos de origens variadas; é a

chamada intertextualidade. Todos esses conceitos estão ligados ao princípio que Bakhtin chamou de dialógico.

Neste sentido, pode-se afirmar que, para Bakhtin (2004, p. 123), a língua não pode ser considerada um fenômeno monológico. Ela, a língua, se faz, em suas linguagens, e se constitui como “fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações”. Portanto, a língua se constitui como um fenômeno social, que tem como cerne a palavra.

As relações dialógicas são apreendidas a partir dos discursos. Quando se faz uma análise partindo do dialogismo descarta-se, por um lado, as possibilidades de limitação dos sentidos e, por outro, preserva-se os ditos e não-ditos. Para Bakhtin durante o trabalho da linguagem faz-se necessário a produção de sentidos que, por sua vez, estão relacionados a uma moldura social e a uma audiência.

4 A INFÂNCIA NO JORNAL NACIONAL

Inicialmente o período definido para análise foi de 4 a 16 de abril. Entre os dias 4 e 6 de abril, nenhuma matéria sobre a criança foi veiculada. Esta ausência de informações sobre a criança não é um dado a ser descartado visto que o silenciamento também pode indicar a falta de ‘novidade’ no universo infantil. Neste sentido é interessante começar perguntando: será que de fato nada de novo aconteceu no mundo infantil neste período? Ou será que culturalmente há a tendência a resguardar este grupo da exposição exagerada, mesmo que positiva, nas diversas formas de mídia?

No dia 7 de abril de 2011, um atirador entra em uma escola, no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, mata 12 crianças entre 12 e 14 anos e deixa 13 feridas. Neste dia, o Jornal Nacional foi apresentado direto do local da tragédia. Este é um recurso bastante utilizado nos últimos tempos pela emissora a qual pertence o programa analisado. Este recurso pode ser utilizado para dar maior proximidade do telespectador com o fato que está sendo mostrado e, que por si só, já é bastante impactante.

A primeira matéria da semana a tratar sobre a infância mostra a criança como vítima. Quatro crianças são ouvidas durante a matéria, apenas para ilustrar os momentos de horror vividos dentro do colégio. Outra matéria, também sobre a tragédia em Realengo, utiliza

várias imagens de crianças ao redor da escola, e traz o depoimento de uma menina que sobreviveu ao ataque. As matérias são carregadas de imagens de crianças ensanguentadas e chorando, abaladas pelo ocorrido. As matérias comprovam as ideias de que as crianças só são visíveis na mídia quando estão envolvidas em acontecimentos especiais ou drama sensacionalista, em contextos de violência e crime, ou ainda para fins estatísticos, como em índices de natalidade ou mortalidade. Inicialmente mesmo os motivos que levaram o criminoso a cometer a brutalidade parecem estar ligados a violência vivida em sua infância.

O crime de Realengo repercute em outros dias da semana que segue. Parecem estar intrínsecos nas matérias referentes ao caso de Realengo outros dois casos que também se referem a violência contra crianças: o da menina Isabela Nardoni e do menino João Hélio. Ambos corroboram a ideia de que a criança só se faz presente nos telejornais em contextos de violência e crime. Os referidos discursos parecem fazer parte do discurso ora vigente que é o de Realengo. Uma questão surge no momento em que se faz esta análise: se há uma tendência cultural de resguardar a imagem da criança a exposição exagerada, por que isso não foi levado em consideração nesses casos? Se por um lado a infância parece não atravessar os portões do jornalismo que a tornam notícia quando essa mesma infância se apresenta violentada ela acaba passando pelos mesmos portões pelos quais outros temas passam (o insólito e o violento, por exemplo).

Também parecem dialogar com o discurso de Realengo tantos casos de guerra noticiados no mundo todo nos últimos anos. É difícil não lembrar da famosa foto da Guerra do Vietnã (Figura 2) ao ver as imagens de Realengo. De alguma forma é, como se houvesse a preservação de discursos já-ditos. Há nesse campo repleto de imagens e palavras os encontros, os diálogos entre os diversos discursos que tratam de um mesmo tema: a violência infantil. A intertextualidade e os diálogos apresentados entre os diversos acontecimentos citados não necessariamente ficam claros. Eles são provenientes das mais diversas fontes que, por sua vez, estão presentes nos diversos períodos históricos do Brasil e do mundo.



Figura 2 – Guerra do Vietnã. Foto de Nic Ut.

No dia 16 de abril de 2011 a matéria em que se apresentou a infância tinha como tema a Páscoa. Ela é mostrada aqui em um contexto lúdico: pintando casquinhas de ovos que serão oferecidas de presente. Esta é uma tradição que é passada de geração em geração no município de Pomerode, Santa Catarina. Tradição esta que adultos repassam e que parece estar bastante presente no mundo adulto, como se pode perceber na reportagem. As crianças participam da pintura das casquinhas, mas sempre com a supervisão e/ou presença ativa dos adultos, como mostra a figura 3.



Figura 3 – Menino pintando os ovinhos com auxílio de um adulto. Jornal Nacional, 16 de abril de 2011.

As falas presentes nesta matéria são as de adultos. Eles explicam a tradição e mostram como tudo é feito. Mesmo tendo como personagens de destaque a criança suas vozes são pouco ouvidas, na verdade, a voz infantil aparece uma única vez pedindo as cascas de ovos para uma moradora. As crianças são mostradas pintando, mas os ovos prontos que aparecem não mostram resultados esperados de uma criança. São traços perfeitos, próprios dos que já dominam esta técnica, esta linguagem, com precisão: o adulto.

Assim, na matéria, a voz da criança também não aparece de forma não verbal, já que as pinturas prontas não são delas. Essas questões que podem ser vistas na referida matéria, confirmam que as vozes infantis dificilmente são ouvidas, a criança é retratada de forma positiva e em um momento que se espera que ela esteja com bastante frequência, mas sua voz não está lá. É como se ela precisasse de um narrador de contos de fadas para que suas ações ganhassem vida. Esta matéria ainda aponta para outra questão quando se trata de mostrar a pintura do adulto. Em nossa sociedade cultua-se o perfeito. A criança, por não ter domínio total sobre a técnica, não tem direito de ter mostrado o seu desenho, porque seu desenho, sua pintura ainda não atingiu a perfeição, como se não fosse bom o suficiente. Muitas vezes a desvalorização do que é da criança já acontece na educação infantil, quando alguns pais não dão importância para os rabiscos típicos das crianças. Para os pais muitas vezes é só mais um rabisco, mas para a criança tudo tem um significado. Não sendo um traço perfeito, às vezes, essa expressão do sentimento infantil através do desenho é ignorada.

O discurso aparece de maneira verbal e não-verbal e fazem parte de um discurso social vigente que por sua vez tem uma forte carga ideológica. De alguma maneira é este verbal e não-verbal que vai apresentar o universo infantil, vai definir a criança diante da sociedade e, aqui, vai caber a televisão o papel de socializar o mundo infantil entre os membros dessa sociedade. São as palavras usadas e não usadas que irão se transformar em pontes para o mundo em que está inserida a criança seja apresentado ao outro, ao adulto. No entanto, antes que tal apresentação seja feita é necessário que se cativa justamente quem irá abrir a janela, liberar a ponte: o adulto. A televisão, como janela da sociedade, parece reforçar o que já está estabelecido culturalmente com relação a infância por essa mesma sociedade: pessoas ainda incompletas. O mundo infantil deve ser preservado mas no momento em que ele é invadido de modo violento pode ser explorado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da situação da criança na sociedade ter melhorado nos últimos tempos, considerando que atualmente a infância é vista como uma fase essencial que merece atenção, a sociedade ainda não enxerga a criança da forma que deveria. A mídia especialmente define a infância a partir das vozes do adulto.

Por meio da análise realizada com as matérias do Jornal Nacional que mostravam a criança, foi possível perceber que a afirmação de David (2002) e Bucht e Von Feilitzen (2002), de que a criança é sub-representada na mídia é verdadeira. As crianças são raramente visíveis na mídia, e quando isso acontece, são mostradas em contextos especiais, dramas sensacionalistas.

A partir da análise desenvolvida percebe-se que é no contexto de violência que as crianças mais são inseridas nos telejornais, como vítimas. A imagem da criança inocente e frágil predomina na mídia. A infância sofre diversas influências da sociedade, como as culturais, porém, raramente isso é considerado. A criança é pouco vista se não está dentro de um contexto de violência (sendo ela vítima ou agressora). Nos casos em que ela não é mostrada desta forma há um outro que fala por ela. A criança percebida pela ótica do adulto. De certa forma sua voz é calada.

Por meio do estudo foi possível perceber também que a mídia apresenta para a sociedade a criança como um ser incompleto, que ainda precisa crescer, ou seja, se tornar adulto para poder, de alguma forma ser quem manterá a cultura e a tradição do mundo adulto.

Culturalmente, pelo que se pôde ver, a criança é vista pelo olhar do adulto, pela voz do adulto. Estudo não termina aqui. Existem várias outras análises que podem ser feitas. Mesmo porque depois da realização desta pesquisa várias dúvidas ficaram no ar. Por que essas crianças só aparecem nos momentos dramáticos? O infantil não é interessante para o adulto ou será que o mundo adulto quer de alguma forma proteger a infância não mostrando suas novidades? Nesse sentido o mundo infantil está aberto para diversos trabalhos que contribuam para o desenvolvimento de uma sociedade mais interessada nessa parcela da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BAKHTIN, M. (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia de linguagem**. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARBOSA, Maria Benfica. O jovem entre o “bem” e o “mal” na TV. In: BELLONI, Maria Luiza (org.). **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BEHERA, D. K.; PRAMANIK, R. A sobrecarga das crianças escolares: reflexões a partir de uma pequena cidade da Índia. In: CASTRO, Lucia Rabello (Org.). **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ, 2001.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

BUCHT, Catarina. VON FEILITZEN, Cecília. **A criança e a mídia**. Brasília: UNESCO, SEDH/ Ministério da Justiça, 2002.

CARVALHO, Luiza das Graças Lacerda de. As representações infantis no programa de rádio Paulo Oliveira. In: SAMPAIO, Inês Sílvia Vitorino. CAVALCANTI, Andréa Pinheiro Paiva. ALCÂNTARA, Alessandra Carlos. (orgs) **Mídia de chocolate: estudos sobre a relação infância, adolescência e comunicação**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2006.

CASTRO, Michele G. Bredel de. **Noção de criança e infância: diálogos, reflexões, interlocuções**. Rio de Janeiro. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss04_02.pdf. Acesso em: 28 mar. 2011.

CORDEIRO, Sandro da Silva. COELHO, Maria das Graças Pinto. **Descortinando o conceito de infância na história: do passado a contemporaneidade**. Rio Grande do Norte. Disponível em: http://www.faced.ufu.br/columhe06/anais/arquivos/76SandroSilvaCordeiro_MariaPintoCoelho.pdf. Acesso em: 28 mar. 2011.

DAVID, Paulo. Os direitos da criança e mídia: conciliando proteção e participação. In: BUCHT, Catharina; FEILITZEN, Cecília Von. **A criança e a mídia**. Brasília: UNESCO, SEDH// Ministério da Justiça, 2002.

FERREIRA, Mayra Fernanda. **Infância em papel: o jornalismo infantil no interior**. Bauru, 2006. Disponível em: <serv01.informacao.andi.org.br/b6d71ce_114f59a64cd_-7f8d.pdf>. Acesso em: 29 de abr. 2011.

G1. **A História do Jornal Nacional**. G1.com/jornal-nacional, 12/04/2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/04/confira-historia-do-jn.html>. Acesso em: 4 de mar. 2011.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. Pedagogia e infância em tempos neoliberais. In: SILVA JÚNIOR, Celestino (Org.). **Infância, educação e neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 1996.

GOMBRICH, E.H. **A história da arte**. 16. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Jeane Cristina de. **Crianças, televisão e educação**. Florianópolis: UFSC, 2004. 7 p. Artigo – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

PEREIRA, Sara. **Crianças e televisão: convergências e divergências de um campo de estudo**. In: GOUVEA, Maria Cristina Soares de. SARMENTO, Manuel. (orgs.) **Estudo da infância: educação e práticas sociais**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PINTO, Manuel. SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Bezerra, 1997.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **Infância e Pedagogia: dimensões de uma intrincada relação**. Florianópolis: UFSC, 1994. Disponível em: <www.ced.ufsc.br/~nee0a6/infancia.doc>. Acesso em: 28 abr. 2011.

SOUZA, Solange Jobim e. SALGADO, Raquel Gonçalves. A criança na idade média: reflexões sobre cultura lúdica, capitalismo e educação. In: GOUVEA, Maria Cristina Soares de. SARMENTO, Manuel. (orgs.) **Estudo da infância: educação e práticas sociais**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

STEARNS, Peter N. **A infância**. São Paulo: Contexto, 2006.

YAGUELLO, Marina. Introdução. In: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

ZANONI, Daniela Matias. **Um olhar para a pedagogia da educação infantil: as contribuições teóricas para educação de crianças**. Atibaia. 2005. Disponível em: <www.faat.com.br/painel/06infancia_pedagogia.doc>. Acesso em: 28 de abr. 2011.

RECEBIDO EM 25 DE JULHO DE 2011.

APROVADO EM 20 DE DEZEMBRO DE 2011.